

O HOMEM FORA DE SEU TEMPO: A COMPLEXIDADE DE UM HERÓI EPICAMENTE MODERNO

Alyssa Carolina Barbosa Marques GEDO¹

RESUMO: O presente artigo pretende compreender a dualidade entre o épico e o moderno presentes na personagem Capitão América, aqui analisado no âmbito da novelização *Guerra Civil* (2014), adaptação homônima da *graphic novel* publicada originalmente em 2006, sob os conceitos apresentados na obra *A teoria do romance* (2000), de Georg Lukács, sobre o herói moderno como indivíduo problemático e sua consciência demoníaca, características essenciais para compor o herói típico do romance moderno, forma estética de nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Capitão América; Epopeia; Modernidade; Romance; Guerra Civil.

Introdução

“Nossa própria força incita o desafio. O desafio incita o conflito. E o conflito cria uma catástrofe.”

CAPITÃO América: *Guerra Civil*. Direção de Anthony Russo e Joe Russo.
Estados Unidos: Marvel Studios, 2016. (147 min.).

A definição de um herói clássico nos diz que, para alguém assim ser denominado, é preciso que seja devotado à sociedade a qual pertence, à defesa dos desprotegidos e sua luta contra o mal não pode acontecer em benefício próprio. Sua vida deve ser desprovida de egoísmo e repleta de compaixão e zelo pelo próximo que depende dele e seu caminho deve ser guiado pelos preceitos da moral e do altruísmo.

¹Bacharela em Letras com Habilitação de Tradutor pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus de São José do Rio Preto/SP - Brasil, Departamento de Letras Modernas, orientada pelo Prof. Dr. Alvaro Hattner e pelo Prof. Dr. Márcio Scheel.

GEDO, A. C. B. M.

O herói, portanto, zela pela comunidade da qual faz parte, e sua devoção a esse trabalho é tão intensa e inescapável, que ele se torna símbolo daquele grupo, levando consigo seus valores, ideais, desejos e anseios.

Os super-heróis são a versão moderna desses heróis primitivos, com a adição de habilidades físicas e mentais acima das de qualquer ser humano comum. Super-heróis devotam sua vida à luta pelo que é moralmente correto, a honrar os poderes e habilidades que possuem (“Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”¹) e defendem a todo custo, às vezes com a própria vida, os membros de sua comunidade. Esses indivíduos se tornam tão icônicos em sua jornada pela defesa dessa comunidade, que, assim como os heróis clássicos, muitos passam a ser vistos como símbolo de seus ideais, levando nas vestimentas e nos acessórios as cores de seu país de origem ou qualquer outro elemento que os identifique como pertencente a determinado grupo. O caso que analisaremos aqui é o do personagem das histórias em quadrinhos Capitão América.

De representante do Sonho Americano a líder rebelde

“Estado de guerra”²

Os super-heróis são os deuses da cultura americana. Assim como os gregos tinham seu panteão repleto de divindades com poderes e habilidades maiores dos que o de qualquer ser humano, os americanos têm os super-heróis, vestindo capas e *collants* coloridos e vivendo aventuras representadas nas páginas das histórias em quadrinhos.

Os super-heróis que fundaram esse gênero das HQs foram criados, basicamente, por jovens judeus tentando sobreviver nos Estados Unidos durante a Grande Depressão. Em uma época economicamente tão difícil, seguir qualquer profissão tradicional era

¹LEE; DITKO, 1962. p. 12.

²ROOSEVELT, Franklin D.. *Declaração de Guerra dos Estados Unidos da América contra o Império do Japão*. Washington, DC, 1941.

GEDO, A. C. B. M.

difícil e caro demais. A alternativa para continuar pagando as contas era ser artista de histórias em quadrinhos que, mesmo não sendo uma forma de arte respeitada à época, pagava o suficiente para que os artistas sobrevivessem aos tempos incertos.

Entretanto, não era só a Grande Depressão que preocupava os americanos.

No início da década de 1940, o que começara como um conflito europeu tinha se tornado uma guerra para dominar o mundo. Adolf Hitler, o tirano líder alemão, estava prestes a invadir a Polônia para expandir seu “Terceiro Reich” e o restante do mundo assistia ao desenrolar do conflito com crescente desespero. A Inglaterra estava enfraquecida e o ânimo dos Aliados estava cada vez mais baixo. Parecia não haver mais esperança contra o regime nazista.

Nas editoras de quadrinhos, a maioria dos escritores ainda eram judeus americanos, que estavam preocupados com as notícias que chegavam da Europa e nutriam um sentimento urgente, talvez maior do que o do restante do país, de que algo precisava ser feito para parar Hitler e sua megalomania.

Então, nove meses *antes* de os Estados Unidos entrarem oficialmente na guerra, dois amigos judeus criaram um personagem para enfrentar os nazistas: o Capitão América.

Criado em 1940 por Joe Simon e Jack Kirby, Steve Rogers nasceu no Brooklin, Nova York, em 4 de julho de 1920, não coincidentemente, a data nacional americana, cresceu durante a Grande Depressão e perdeu os pais ainda muito jovem, tendo que cuidar de si mesmo sozinho, como um verdadeiro *self made man*, assim como os EUA depois da quebra da bolsa em 1929.

Figura 1: Joe Simon (sentado) e Jack Kirby (em pé) no escritório da Timely Comics.

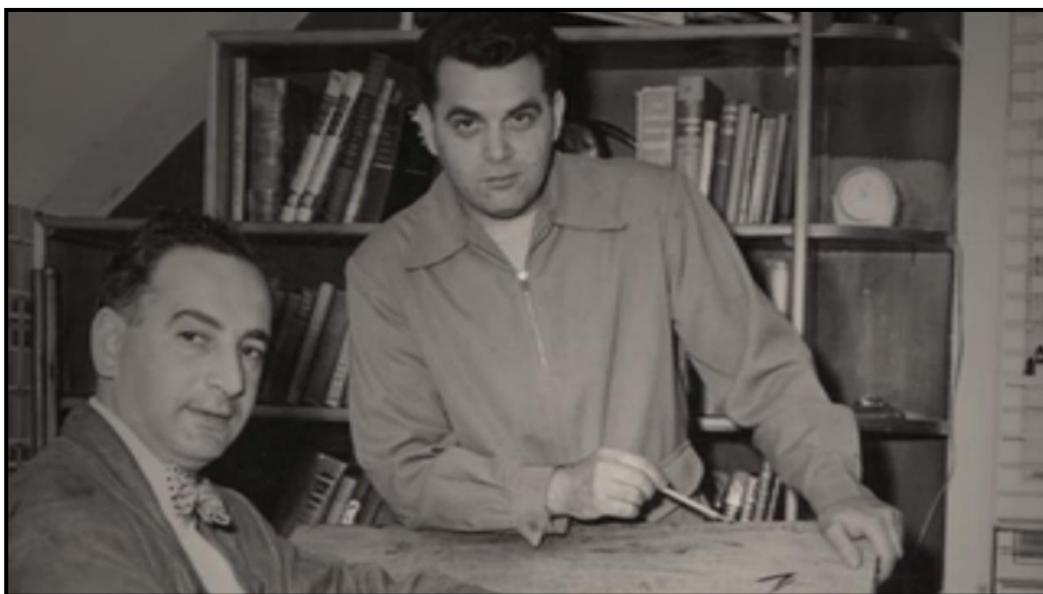


Figura 2 Fonte: SUPERHEROES: A Never-Ending Battle. Direção de Michael Kanton. S.i.: PBS, 2013.

Sensibilizado com as notícias que chegavam do front de batalha europeu, Rogers decide se alistar no Exército, mas recebe inúmeras recusas por conta de seu corpo franzino até ser selecionado para a Operação Renascimento, que visava criar um exército de supersoldados por meio de um experimento conhecido como Soro do Supersoldado. Entretanto, após aplicar o Soro em Rogers, o cientista responsável pela operação, o desertor alemão Dr. Erskine (na primeira edição seu nome era Reinstein, numa clara alusão a Einstein) é assassinado por um espião nazista, fazendo com que Steve Rogers se torne o único de sua estirpe, já que a fórmula do Soro nunca tinha sido escrita por Erskine, impossibilitando sua replicação.

Nasce, então, o símbolo americano, o Capitão América, trajando um uniforme e segurando um escudo com as cores da bandeira americana, um herói forjado em uma época em que os homens eram genuinamente nobres e gentis, para ser o defensor do Sonho Americano, do *American Way of Life*, da liberdade e da justiça para todos. Ele se torna uma tela em branco na qual os leitores podem projetar todas as coisas boas que desejam encontrar em alguém. Em suma, o Capitão América

GEDO, A. C. B. M.

se tornou tão atraente porque tudo de mais honesto e bom que você poderia querer que ele fosse, ele simplesmente era.

O Capitão América nunca foi apenas um homem em um collant apertado. O personagem surgiu como um ideal, como o herói que os EUA precisavam no momento em que o mundo via ascender o regime nazista de Hitler na Alemanha. Nessa época, os quadrinhos americanos tinham como propósito não apenas a diversão de seus leitores (em sua grande maioria adultos), mas servir como veículo de propaganda contra a guerra que se formava na Europa e de incentivo à população, para que o povo se mantivesse firme durante tempos tão sombrios. A capa da primeira edição do Capitão América é um bom exemplo disso: o herói aparece esmurrando a mandíbula de ninguém menos do que Adolf Hitler.

Ele é um reflexo idealizado do que todos os cidadãos americanos devem aspirar ser e, enquanto o herói é visto como alguém especial e excepcional, ele não deveria ser o único. Steve Rogers ser especial vem justamente do fato dele ser essencialmente comum, sem nada que o diferencie dos demais homens e mulheres que o rodeiam. Ele é um garoto nascido em Nova York, filho de imigrantes irlandeses, frágil, doente, esquelético, mas com um enorme senso de justiça, moral, ética e com muita vontade de ajudar aqueles que, como ele, passavam por dificuldades, sofrendo nas mãos de valentões (independentemente de o valentão ser o garoto mau do bairro ou um tirano alemão).

Figura 2: Capa da primeira edição da revista do Capitão América, de 1941.



Figura 3 Fonte: SIMON, Joe; KIRBY, Jack. Captain America Comics #1. 1941. Disponível em: <http://marvel.com/comics/issue/7849/captain_america_comics_1941_1>. Acesso em: 07 ago. 2017.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, entretanto, não havia mais a necessidade de um super-herói patriota e as vendas de sua revista começaram a despencar, levando ao seu cancelamento. O Sentinela da Liberdade havia travado o bom combate e fez o que precisava ser feito para defender sua pátria, mas seus dias de luta e glória haviam terminado.

Acabava assim a Era de Ouro dos quadrinhos para Steve Rogers.

Porém, anos mais tarde, em novembro de 1963, os Estados Unidos foram pegos de surpresa com o choque: no dia 22 daquele mês, John F. Kennedy, um dos presidentes mais populares e queridos da história americana, foi assassinado. Quatro meses depois do trágico acontecimento, Stan Lee e Jack Kirby prestes a lançarem a edição

GEDO, A. C. B. M.

número 4 de sua nova super-equipe, Os Vingadores, decidiram ressuscitar um super-herói que havia definido e personificado os maiores ideais do país para ajudar o povo americano a passar por mais um momento tão difícil e doloroso: o Capitão América.

Em um dos primeiros *retcons* da história, o Sentinela da Liberdade foi trazido de volta à vida por Stan Lee para integrar as fileiras d'Os Vingadores, com a justificativa de que, nos últimos dias da guerra, ele havia caído de um avião experimental direto no Oceano Ártico e passou décadas congelado em um bloco de gelo em animação suspensa. Após o sucesso de outros personagens da Marvel introduzidos durante a década de 1960, o Capitão América foi reformulado com o “jeito Stan Lee” (no qual os dramas humanos são mais importantes que os percalços super-heroicos) de contar histórias, tornando-se o personagem mais complexo da Marvel. Ele era um homem fora de seu tempo (o que viria a ser uma de suas mais famosas alcunhas), precisando se adaptar à sociedade moderna americana dos anos 1960, alguém que tinha lutado em uma guerra e sobrevivido, mas estava sozinho, pois nenhum de seus amigos tinha conseguido tal feito.

Figura 3: Capa de *The Avengers* #4 (1964), com o retorno do Capitão América:



Figura 4 Fonte: LEE, Stan; KIRBY, Jack. The Avengers #4. 1964. Disponível em: <http://marvel.com/comics/issue/7285/avengers_1963_4>. Acesso em: 07 ago. 2017.

O personagem pode ser definido em antes e depois desse congelamento.

Antes, seus propósitos eram claros, as atitudes das pessoas eram sempre preto-no-branco, e o mundo em que ele vivia era mais simples, sendo possível enxergar a sociedade de forma nitidamente maniqueísta. Depois do congelamento, quando o Capitão sai da animação suspensa, todo o mundo que ele conhecia havia mudado radicalmente. Bem e mal se tornaram conceitos difusos, não estava mais claro quem era o inimigo a se combater e todas as atitudes ganharam tons de cinza. Todas as certezas que aquele soldado pensava ter foram jogadas por terra, transformando-o em um homem amargurado e incompleto. Um homem fora de seu tempo.

Assim, o Capitão América se apresenta como um personagem multifacetado, constituído de características determinantes de um típico herói clássico, épico, porém também possui um outro lado, nascido com a modernidade, que possui as características essenciais de um herói moderno, típico do romance moderno burguês.

Partindo dessa complexidade, a análise se concentrará em como essa dualidade incompatível de características acontece e define um mesmo personagem durante os eventos narrados na novelização *Guerra Civil* (2014).

Adaptação da *graphic novel* homônima, publicada originalmente em 2006, *Guerra Civil* narra as consequências da morte de centenas de pessoas, incluindo dezenas de crianças de uma escola em Stamford, ocasionada pela explosão do vilão Nitro após um embate contra o grupo de heróis chamado Novos Guerreiros, que filmavam um *reality show* cuja audiência tentavam aumentar, para a comunidade heroica, que se divide em duas frentes: aqueles que seguem a posição assumida pelo Homem de Ferro, que quer o registro dos super-heróis, ou seja, quer que todos revelem suas identidades com a consequente supervisão do Estado, e o grupo do Capitão América, que luta pela liberdade total de escolha de ir e vir de cada um, sem a interferência do governo. A partir disso, uma guerra civil entre os super-heróis é travada, resultando na morte de um dos heróis, o Golias.

Figura 5: Capa da edição brasileira da novelização *Guerra Civil*:

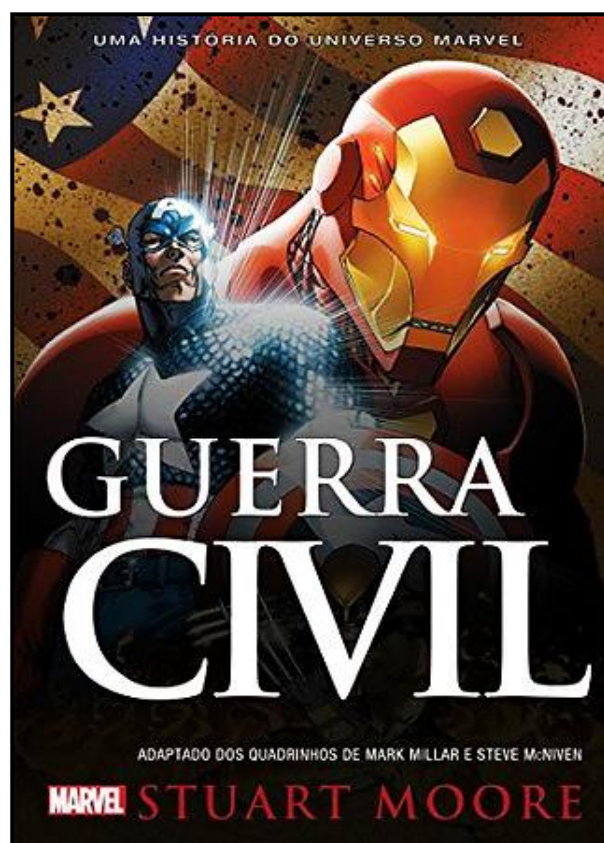


Figura 4 Fonte: GOODREADS. Guerra Civil: Uma história do Universo Marvel. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/book/show/25416115-guerra-civil---uma-hist-ria-do-universo-marvel>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

Para guiar a análise serão utilizadas as teorias apresentadas por Georg Lukács em *A teoria do romance* (2000) sobre o herói do romance.

Da valorização da comunidade ao indivíduo problemático

A obra de Lukács inicia-se caracterizando os tempos “afortunados para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina”³¹, ou seja, os tempos da Grécia antiga, berço da epopeia homérica, poemas épicos que trazem em suas linhas as características primordiais dessa sociedade arcaica: o predomínio da comunidade, do mundo familiar e de uma cultura fechada em si mesma, na qual seus integrantes se

¹ Lukács, 2000, p.25

bastam e o exterior não importa, ou nem mesmo é conhecido. Para Lukács, a epopeia de Homero é a expressão máxima dessa unidade grega:

Essa é a era da epopeia. Não é falta de sofrimento ou a segurança do ser que revestem aqui homens e ações em contornos jovialmente rígidos [...], mas sim a adequação das ações às exigências intrínsecas da alma: à grandeza, ao desdobramento, à plenitude. (LUKÁCS, 2000, p.26)

A alma grega estava submersa nessa configuração e nesse contexto, a relação com os deuses é primordial: os heróis cujos feitos são narrados nos poemas épicos são sempre guiados por essas figuras divinas. Entretanto, essa associação foi se fragmentando ao longo dos séculos até desaparecer completamente na modernidade, dando lugar à negação do divino. Começa, então, a era do romance (MARTINS, 2008):

[...] pois a forma do romance, como nenhuma outra, é uma expressão do desabrigo transcendental. A coincidência entre história e filosofia da história teve como resultado, para a Grécia, que cada espécie artística só nascesse quando se pudesse aferir no relógio de sol do espírito que sua hora havia chegado, e desaparecesse quando os arquétipos de seu ser não mais se erguessem no horizonte. Essa periodicidade filosófica perdeu-se na época pós-helênica.(LUKÁCS, 2000, p.38)

E aqui temos o indicador preciso do que caracteriza a modernidade: a ruptura entre interioridade e mundo exterior, ou seja, a perda da totalidade. Na Grécia, ao contrário, o destino dos indivíduos estava ligado ao de uma comunidade, o oposto da individualidade moderna. O romance vem então tentar recriar essa totalidade perdida, utilizando-se da luta contra a inessencialidade do mundo e a impossibilidade de ação da alma. E o agente dessa tentativa é o herói moderno que, ao contrário do herói da epopeia, é um indivíduo problemático: ele não mais se identifica com o coletivo, com as demandas comunitárias. Ao contrário, enfrenta o vazio das instituições

do mundo social no qual está inserido, mas que não lhe pertencem, para tentar ter algum controle sobre sua própria vida, sobre seu destino.

Em um mundo em que a presença divina já não existe mais, o que resta é presença demoníaca. E assim é a psicologia do herói moderno. Segundo Lukács, esta psicologia demoníaca “é a objetividade do romance, a percepção virilmente madura de que o sentido jamais é capaz de penetrar inteiramente a realidade, mas de que sem ele, esta sucumbiria ao nada da inessencialidade.” (LUKÁCS, 2000, p. 90)

Da Segunda Guerra Mundial à Guerra Civil.

O Capitão América inicia sua trajetória nos anos 1940 e esse período pode ser considerado sua sociedade primitiva, na qual os integrantes dependem uns dos outros para alcançar o bem-estar coletivo. O que um só indivíduo fazia dentro dessa sociedade impactava na vida de todos os outros integrantes dela, como em um organismo vivo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a população americana se uniu em torno de um só objetivo: erradicar o totalitarismo europeu que ameaçava a liberdade do restante do mundo. E, para isso, criaram o Capitão América, um só indivíduo, mas que carregava consigo toda a força e desejos de seus conterrâneos para o front de batalha, sempre colocando os objetivos do coletivo em primeiro lugar, com suas ações reverberando em toda a comunidade.

Figura 6: o Capitão América lidera as tropas americanas rumo a mais uma batalha para defender a justiça, a igualdade e, acima de tudo, a liberdade, na capa do arco *Novo Pacto*, a história do Sentinela da Liberdade para o 11 de Setembro de 2001:

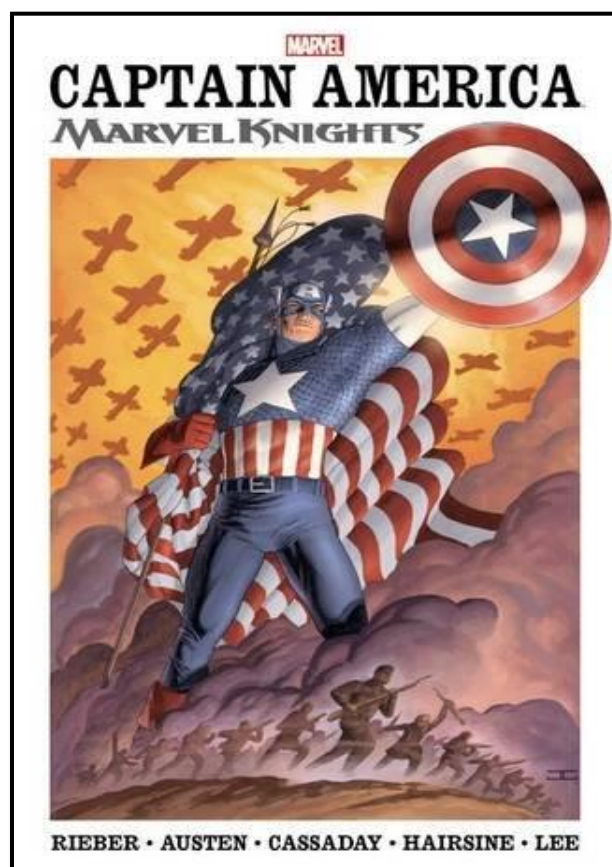


Figura 6 Fonte: AMAZON. Captain America: Marvel Knights Vol. 1. Disponível em: <https://www.amazon.com/Captain-America-Marvel-Knights-Vol/dp/0785196331/ref=pd_lpo_sbs_14_t_1?_encoding=UTF8&psc=1&refRID=W7872C3BQ3SNR91N53W>. Acesso em: 07 ago. 2017.

O Capitão América “primitivo” nasceu com seu destino selado e com seus propósitos bem definidos: defender a Liberdade, Igualdade e Justiça a que todas as pessoas têm direito, a qualquer custo. Não à toa sua “arma” é um escudo, como os antigos cavaleiros medievais, conhecidos por seguirem rigidamente seu código moral. O Capitão como herói épico representa as paixões e necessidades do coletivo, sendo o modelo perfeito das virtudes e desejos da comunidade, fazendo tudo o que estiver ao seu alcance para defender seus princípios. Ele faz o que for preciso para alcançar seus objetivos, pois sabe que não tem escolha, e isso não o abala, mas sim lhe dá forças para cumprir seu

destino, mesmo que isso signifique a morte em algum momento. E é exatamente o que lhe acontece pouco antes do final da Segunda Guerra (mesmo que essa condição tenha sido revertida posteriormente).

Ao ser reanimado anos depois, o Capitão encontra uma sociedade atomizada, na qual cada indivíduo é sua fortaleza e não existe mais um único grupo unido em torno de um mesmo interesse coletivo, mas sim vários pequenos grupos independentes, cada um com sua ideia, com seus desejos e direcionando seus esforços a fazer o bem somente a seus membros, e vendo o outro como um inimigo em potencial. Nessa nova sociedade, torna-se impossível representar algo além de si mesmo, pois agora cada um tem sua própria visão de mundo.

Nesse contexto surge a Guerra Civil da (antes unida por um só objetivo) comunidade heroica. O então épico herói patriota se vê diante de escolhas que ele agora tem autonomia para fazer, algo que antes não era nem mesmo imaginável. Curiosamente, o Capitão América não toma o partido do governo, mas vai contra a Lei de Registro proposta, alegando violação do direito à liberdade de ir e vir dos heróis mascarados, enquanto o Homem de Ferro, alter ego do empresário armamentista Tony Stark, apoia a iniciativa. Isso divide os antigos aliados em dois grupos distintos, e o Capitão vai para a clandestinidade.

– Capitão, por favor. Sei que está com raiva, e sei que isso é uma tremenda mudança na forma como sempre trabalhamos. Mas não vivemos mais em 1945 – Tony apontou para trás do Capitão, para a Resistência. – O público não quer mais máscaras e identidades secretas. Eles querem se sentir seguros quando estivermos por perto. Nós perdemos a confiança deles, o respeito. Essa é a única forma de reconquistá-los. [...] Não quero brigar com você, nenhum de nós quer. Só peço uma coisa... deixe-me contar o meu grande plano para o século XXI.
[...] Capitão baixou o olhar para encará-lo.

– O seu *grande plano* está me parecendo mais a Alemanha de 1940. O que você planeja fazer exatamente com quem não se registrar? (MOORE, 2014, p. 157-159)

Ao decidir pela ação, o herói permite que sociedade moderna comece a corrompê-lo, pois ele sabe que para ter sucesso em sua jornada contra a Lei de Registro, ele precisa se desfazer de alguns de seus princípios mais profundos e passe a tomar decisões que antes consideraria questionáveis sem pensar duas vezes a respeito. Ao receber, portanto, as determinações do Estado, o Capitão percebe que elas são incompatíveis com seus valores, e isso o leva a agir e a não aceitar as condições a ele impostas.

Figura 7: o Capitão América se rebela contra as medidas governamentais referentes à Lei de Registro dos Super-Heróis:



Figura 7 Fonte: MILLAR, Mark; MCNIVEN, Steve. Guerra Civil. São Paulo: São Paulo, 2014. p. 31-32. (A coleção oficial de graphic novels Marvel). Tradução Jotapê Martins e Fernando Lopes.

É nesse momento do enredo que emerge a consciência demoníaca do Capitão América, trazendo consigo toda a carga de inadequação, de deslocamento, de solidão inerentes a esse traço da psicologia do herói, e é quando acontece a queda do herói épico, aquele que age sem discutir porque tem seu destino selado antes mesmo de iniciar sua jornada, para o herói moderno, aquele que se rebela, que não se conforma e que se revolta conscientemente sobre todas as mazelas que recaem sobre ele. No caso do Capitão, principalmente o fato dele não mais se reconhecer no mundo em que vive, perceber que não há mais um interesse coletivo pelo qual lutar, de ter perdido tudo e todos aqueles que conhecia, que faziam parte do seu convívio e se ver sozinho em um mundo que não o inspira mais, mas que impõe valores. Ele então tenta se adaptar, exigindo mais do que o mundo moderno pode lhe oferecer. Nesse momento, o mundo deixa de ser contingente e passa a exigir do herói

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017. 50

GEDO, A. C. B. M.

que ele siga caminhos inesperados e completamente fora dos planos para conseguir o que deseja, como ir contra a instituição que representara deus para o Sentinela da Liberdade durante toda a sua vida como símbolo americano: o Estado.

– Capitão – pediu Tony – [...] Renda-se e prometo providenciar tratamento médico para você. [...]

– Você realmente acha que eu vou me render – sussurrou ele – para um playboy mimado feito você?

[...]

Sue se deu conta do que aquilo se tornara: uma batalha irreconciliável entre Homem de Ferro e Capitão América, cada um deles absolutamente convencido de que sua causa era justa. Nada podia detê-los, nem deuses, nem vilões, nem mesmo seus amigos heróis. Essa batalha continuaria até que um dos dois estivesse morto.(MOORE, 2014, p. 170)

Dessa forma, em nome da manutenção da tradição que o Capitão conhecia e fora forjado para defender, ambos os lados do conflito, anti e pró-Registro, se enfrentam. A luta acaba se transferindo para o meio da cidade de Nova York. A vantagem inicialmente é do lado pró-Registro, mas inesperadamente, o lado rebelde liderado pelo Capitão América ganha um aliado de peso: Namor, o príncipe-submarino. Com a supremacia numérica, os rebeldes estão a um passo de vencer o conflito e provar seu ponto de vista. Entretanto, no momento do golpe final na luta entre Capitão América e Homem de Ferro, a própria população se revolta contra os heróis e impede que o Capitão desfira seu golpe. Ao ser surpreendido por essa intervenção, ele finalmente percebe que os civis foram colocados em perigo e que a cidade está toda destruída:

Capitão observou a cena. Heróis lutando contra heróis; agentes da S.H.I.E.L.D. e guerreiros atlantes trocando tiros; civis correndo em pânico em busca de abrigo. Fogo ardia em uma

O HOMEM FORA DE SEU TEMPO: A COMPLEXIDADE DE UM HERÓI EPICAMENTE MODERNO.

dúzia de lugares, de canos de gás, latas de lixo, janelas de escritórios. Ao norte, metade de um prédio havia caído, bloqueando a rua inteira e metade da calçada.

– As pessoas estão preocupadas com seus empregos, seus futuros, suas famílias. – O homem negro tirou os óculos, fitou Capitão com raiva. – Acha que precisam se preocupar com *isso*? [...] Capitão baixou seu escudo, e baixou a cabeça. – Nós deveríamos... deveríamos lutar pelas pessoas. Mas não estamos mais fazendo isso. – Ele mostrou à sua volta. – Estamos apenas *lutando*. (MOORE, 2014, p. 366-67)

O sentimento de fracasso diante do mundo então aflora, impedindo que o Capitão continue lutando. Nesse momento, os princípios dos quais ele tinha se desfeito voltam a dominá-lo e ele percebe que precisa defender o direito daquelas pessoas à liberdade de ir e vir tanto quanto precisa defender o direito de seus colegas de luta. Ele não sabe bem o que fazer com o que o mundo fez dele, mas percebe que tudo pelo que vinha lutando é irrisório perante as demandas da sociedade. O Capitão então ordena que seus aliados cessem as batalhas e ele se rende, dando a vitória ao lado pró-Registro.

Figura 8: Steve Rogers se entrega às autoridades, colocando um fim à Guerra Civil:



Figura 8 Fonte: MILLAR, Mark; MCNIVEN, Steve. Guerra Civil. São Paulo: São Paulo, 2014. p. 195. (A coleção oficial de graphic novels Marvel). Tradução Jotapê Martins e Fernando Lopes.

É interessante notar que, ao se render, o Capitão retira a máscara e se entrega como Steve Rogers, o soldado dispensado com honras do Exército Americano. Ao fazer isso, o homem, e não o símbolo, assume a culpa pelos próprios atos, em uma última tentativa de controlar seu destino com suas próprias escolhas. Assim, ele mantém o manto do herói imaculado, permitindo que as pessoas e a sociedade ainda tenham um representante do bem-estar coletivo, um defensor do Sonho Americano, porque, no fim, o herói é o que fazem dele, e o Capitão América foi o símbolo que o povo americano criou para se inspirar.

Conclusão

Em uma sociedade em que a população passa por um período de conflito bélico, em que as perturbações, o racionamento, as frustrações, a raiva e os complexos de inferioridade estão na ordem do dia, o herói que ascender daí deve encarnar, além das possibilidades, as exigências de poder que o cidadão comum nutre e não pode satisfazer. Nesse sentido, o aparecimento do herói patriota Capitão América na sociedade americana dos anos 1940 cumpre com perfeição o seu papel.

O personagem se transformou naquilo que todos desejavam ser: alguém forte, corajoso, de bom caráter, capaz de estrear sua própria revista em quadrinhos dando um soco em ninguém menos que o próprio Hitler, o tirano que o mundo queria exterminar. Tudo isso um ano antes dos Estados Unidos serem diretamente atacados pelos japoneses aliados de Hitler, em Pearl Harbor. Entretanto, a simples ideia de alguém violar uma parte tão essencial da América como a Liberdade das pessoas era impensável. E se alguém devia fazer algo, eram eles, começando com a figura do Capitão América, porque ser um super-herói é se colocar à frente do perigo antes dos outros para defendê-los, sem medo das consequências, das dificuldades ou dos julgamentos alheios.

O Sentinela da Liberdade, uma das alcunhas pelas quais o herói ficaria conhecido, lutou bravamente para inspirar e defender os ideais e anseios da comunidade da qual fazia parte. Enfrentou sem questionar seu destino e morreu sabendo que estava onde devia estar, fazendo sua parte para um bem maior: a defesa do Sonho Americano.

Anos mais tarde, ao acordar e descobrir que sua missão não terminara, ele foi surpreendido com uma sociedade completamente nova, com novos valores e preceitos que não coincidiam com aqueles praticados pelo herói. E ao tentar se adaptar a essa nova realidade, o Capitão deixou de lado suas crenças e acabou entrando em guerra com seus aliados. Ele se deixou corromper pela modernidade.

Ao fim do conflito, ele percebeu que, na verdade, nunca conseguiria se encaixar nesse mundo moderno, porque sempre carregaria consigo os princípios morais que tentara suprimir. Sendo

GEDO, A. C. B. M.

assim, ele se rende e se deixa ser preso. Sua missão, então, seria sempre tentar conciliar essa incompatibilidade de visões de mundo, por um lado prezar pelo bem coletivo e por outro lidar com a solidão e sua inadequação perante o mundo, sem permitir que uma ou outra o dominasse, porque isso significaria o seu fim.

O Capitão América, ao se dar conta dessa dualidade que lhe é intrínseca, percebe que, na sociedade moderna, fragmentada, na qual a individualização e a subjetividade são mais valorizadas do que a comunidade e o social, ele pode ser o elo entre o clássico retratado na epopeia homérica e o moderno trazido pelo romance. E, por mais absurda que possa parecer a ideia, o próprio Capitão é a prova de que é possível ser um herói épico na modernidade e ainda sair ileso da experiência (ou quase isso).

GEDO, A. O homem fora de seu tempo: a complexidade de um herói epicamente moderno. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 35-57, 2017.

THE MAN OUT OF HIS TIME: THE COMPLEXITY OF AN EPICALLY MODERN HERO

ABSTRACT: This article intends to understand the duality between the epic and the modern present in the character Captain America, analyzed here in the ambit of the novel *Civil War* (2014), homonymous adaptation of the graphic novel originally published in 2006, under the concepts presented in the work "The Theory of the Novel" (2000), by Georg Lukács, about the modern hero as a problematic individual and his demonic self, essential characteristics for composing the typical hero of the modern novel, the aesthetic form of our time.

KEYWORDS: Captain America; Epic; Modernity; Romance; Civil War.

Referências Bibliográficas

AMAZON. Captain America: Marvel Knights Vol. 1. Disponível em: <https://www.amazon.com/Captain-America-Marvel-Knights-Vol/dp/0785196331/ref=pd_lpo_sbs_14_t_1?encoding=UTF8&psc=1&refRID=W7872C3BQ3SNR91N53W>. Acesso em: 07 ago. 2017.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1989. 211 p. Tradução Adail Ubirajara Sobral.

CAPITÃO América: *Guerra Civil*. Direção de Anthony Russo e Joe Russo. Produção de Kevin Feige. Intérpretes: Chris Evans, Robert Downey Jr., Scarlett Johansson, Sebastian Stan, Anthony Mackie, Emily Vancamp, Don Cheadle, Jeremy Renner, Chadwick Boseman, Paul Bettany, Elizabeth Olsen, Paul Rudd, Tom Holland, Frank Grillo, Daniel Brühl e William Hurt. Roteiro: Christopher Markus And Stephen Mcfeely. Música: Henry Jackman. Atlanta, Porto Rico, Pinewood Atlanta Studios, Potsdamer Platz, Leipzig/halle Airport, Brasil e Islândia: Marvel Studios, 2016. (147 min.), son., color.

ECO, Umberto. *Apocalypse Postponed*. Bloomington: Indiana University Press, 1994. 227 p. (Series Perspectives).

GOODREADS. *Guerra Civil: Uma história do Universo Marvel*. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/book/show/25416115-guerra-civil---uma-hist-ria-do-universo-marvel>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

KOTHE, Flávio R.. *O herói*. São Paulo: Ática, 1987. 94 p. (Série Princípios).

LEE, Stan; DITKO, Steve. *Amazing Fantasy*. 15. ed. Nova York: Marvel Comics, 1962.

LEE, Stan; KIRBY, Jack. *The Avengers #4*. 1964. Disponível em: <http://marvel.com/comics/issue/7285/avengers_1963_4>. Acesso em: 07 ago. 2017.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico). Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo.

MARTINS, Willian Mendes. A modernidade e a teoria do romance de G. Lukács. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília, v. 8, n. 3, p.263-273, 2008.

Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/200/178>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

MILLAR, Mark; MCNIVEN, Steve. *Guerra Civil*. São Paulo: Salvat, 2014. 216 p. (A coleção oficial de graphic novels Marvel). Tradução Jotapê Martins e Fernando Lopes.

MOORE, Stuart. *Guerra Civil: Uma história do universo Marvel*. Barueri: Novo Século, 2014. 400 p. Tradução Michele Gerhardt MacCulloch e adaptado dos quadrinhos de Mark Millar e Steve McNiven.

GEDO, A. C. B. M.

RIEBER, John Ney; CASSADAY, John. *Captain America: Marvel Knights Vol. 1*. New York: Marvel Comics, 2016. Trade paperback.

ROOSEVELT, Franklin D.. *Declaração de Guerra dos Estados Unidos da América contra o Império do Japão*. Washington, Dc: White House, 1941.

SIMON, Joe; KIRBY, Jack. *Captain America Comics #1*. 1941. Disponível em: <http://marvel.com/comics/issue/7849/captain_america_comics_1941_1> . Acesso em: 07 ago. 2017.

SUPERHEROES: *A Never-Ending Battle*. Direção de Michael Kanton. Produção de Patty Baker e Jay Baker. Roteiro: Michael Kanton e Laurence Maslon. S.i.: Pbs, 2013. (180 min.), son., color. Legendado. Apresentado e narrado por Liev Schreiber.